



Toponímia e memória: uma análise dos axiotopônimos atribuídos às praças de Palmeira dos Índios, Alagoas

Maria Madalena Moura do Nascimento *



Pedro Antônio Gomes de Melo **



Fernanda Correa Silveira Galli (UFPE)
Editora Responsável

Anderson Almeida da Silva (UFPE)
Editor de Seção – Linguística

Recebido em 21/10/2025.
Aprovado em 28/05/2026.

Como citar:
NASCIMENTO, Maria Madalena Moura do;
MELO, Pedro Antônio Gomes de. Toponímia e memória: uma análise dos axiotopônimos atribuídos às praças de Palmeira dos Índios, Alagoas. *Revista Investigações*, Recife, v. 39, n. 2, e268473, 2026. DOI: <https://doi.org/10.51359/2175-294x.2026.268473>

Resumo: Este artigo propõe discutir sobre memória e toponímia ao investigar nomes de praças públicas palmeirenses que fazem alusão aos títulos de homenageados na toponímia urbana. A pesquisa, de abordagem qualitativa e de objetivo descritivo e interpretativo, toma por base referenciais teóricos como Dick (1990) e trabalhos posteriores, Melo (2024), Faggion e Misturini (2014) e Nora (1993). Após as análises, os resultados apontaram três axiotopônimos de tendência para perpetuação político-ideológica dos nomes de figuras da sociedade local. Além disso, os nomes de praças evidenciam quais histórias e memórias permanecem cristalizadas com as marcas do passado histórico-cultural de Palmeira dos Índios.

Palavras-chave: Toponomástica. Memória. Palmeira dos Índios.

* Universidade Estadual de Alagoas. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Culturas e graduada em Letras – Português (Licenciatura) pela UNEAL. E-mail: maria.nascimento.prodic2024@alunos.uneal.edu.br.

** Universidade Estadual de Alagoas. Professor Titular da Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura da UNEAL. Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Maringá. E-mail: pedro.melo@uneal.edu.br.



INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo, a cidade de Palmeira dos Índios e seus topônimos têm destacado seus lugares de memória, sobretudo como manifestam-se no imaginário popular lembranças de sua fundação colonial no século XVII, a presença dos povos originários e a história de emancipação oficial em 1889, entre outros aspectos importantes para a construção da identidade do lugar.

Esses aspectos se entrecruzam com as lembranças desses acontecimentos ou das vivências, das dinâmicas territoriais e culturais, revelando alguns fatores sociais, coloniais, urbanísticos e religiosos do lugar. Sob tal ponto de vista, os nomes de praças públicas palmeirenses conservam registros relacionadas às suas narrativas, sendo, muitas vezes, difícil de se separar uma memória de uma história.

Isto posto, significa que a Toponímia – disciplina científica que estuda os nomes dos lugares, pode ressignificar questões linguísticas e extralinguísticas que estejam ligadas a esses signos, isto é, a Toponímia “possui como eixo central de seus estudos as unidades lexicais designadas da função de nome próprio de lugar, topônimo” (Melo, 2026, p. 45). Nesse sentido, o topônimo é o signo linguístico em função de signo toponímico. Dick (1980) afirma que o topônimo como uma das formas da língua ou de significante está permeado por seus aspectos próprios, pois adquire uma dimensão maior na finalidade de seu emprego, marcando-o duplamente: pela intencionalidade do sujeito-nomeador e pela origem semântica da nomeação.

A partir desse enfoque, analisar topônimos atribuídos às praças da cidade de Palmeira dos Índios – situada no interior de Alagoas, seria, então, um modo de perceber como se dá a relação entre os indivíduos e os nomes que representam os espaços públicos, nomeados pela toponímia oficial (em viés de homenagens a figuras públicas do quadro político-social da cidade), para compreender, com isso, que há diferentes discursos produzidos com o passar dos anos, principalmente, no campo político-histórico, que ainda

ecoam na memória coletiva através dos signos toponímicos escolhidos pelo
sujeito-nomeador.

¹Primeiro dicionário
toponímico de Alagoas.
Cf. Dicionário toponímico
de Alagoas (DITAL).

Neste artigo, adota-se o conceito de sujeito-nomeador apresentado
por Melo (2025a)¹, uma vez que se trata de uma acepção de sujeito utilizada
em suas pesquisas toponímicas

[...] em diálogo com a noção de sujeito da Análise do Discurso
(AD) na perspectiva do Materialismo Histórico, isto é, o
sujeito-nomeador de um município alagoano não se refere a um
indivíduo (um “eu” individual) com características psicológicas
ou biológicas, mas sim à posição que ele (ou um grupo social
por ele representado) ocupa em relação à linguagem e ao
discurso. Essa posição se constitui por fatores históricos,
sociais e ideológicos (Melo, 2026, p. 19).

Corroborar-se a ideia do referido autor, pois o ato de nomear é uma
prática discursiva, uma vez que os signos são carregados de valores sociais
e/ou ideológicos que operam as mais variadas relações entre os sujeitos da
sociedade. Tal como explica Bahktin (2006, p. 29, grifo do autor) “tudo o que
é ideológico possui um significado, e remete a algo fora de si mesmo. Em
outros termos, tudo o que é ideológico é um signo. Sem signos não existe
ideologia”.

²Recorte temático do
estudo realizado no
percurso de pesquisa de
mestrado acerca dos
Nomes oficiais de praças
públicas da área urbana
da cidade de Palmeira dos
Índios/Alagoas:
Toponímia, Território e
Cultura, sob orientação
do Prof. Dr. Pedro
Antonio Gomes de Melo,
no âmbito do Programa de
Pós-graduação em
Dinâmicas Territoriais e
Cultura (ProDiC), da
Universidade Estadual de
Alagoas, em Alagoas
(2024-2026).

Para este estudo, constitui-se um *corpus* que traz um recorte de 3
(três) nomes oficiais de praças públicas da cidade de Palmeira dos Índios,
Alagoas, interpretando saberes subjacentes aos nomes. Ainda, acrescenta-se
que os nomes oficiais foram coletados junto à Secretaria Municipal de
Serviços Públicos e Convívio Urbano da Prefeitura da cidade, com o objetivo
de discutir neste trabalho memória e Toponímia nos axiotopônimos
identificados. Por fim, nessa pesquisa² de abordagem qualitativa e de
objetivo descritivo e interpretativo, adotaram-se diretrizes teórico-
metodológicas de Dick (1990 e seus desdobramentos), Melo (2024, 2026),
Faggion e Misturini (2014), Nora (1993), Halbwachs (1990), dentre outros
citados ao longo do estudo, a fim de que esses posicionamentos teóricos e
conexões temáticas deem clareza aos resultados desta pesquisa em que os
topônimos revelam traços de uma memória oficial e coletiva da cidade.

Este artigo está dividido em sua breve introdução e em seções fundamentais, a saber: *Lócus* da pesquisa: A princesa do Agreste Alagoano; Toponímia, memória e lugares de memórias, que traz diálogos possíveis acerca dos temas, em sequência, a seção de Análise e discussão dos dados, e, por último, a conclusão do trabalho.

LÓCUS DA PESQUISA: A PRINCESA DO AGRESTE ALAGOANO

³ De acordo com o censo demográfico do IBGE (2022), sua população é de 71.574 habitantes, cidade localizada na região intermediária de Arapiraca - Alagoas, mais precisamente na região do Planalto da Borborema.

O nome da cidade de Palmeira dos Índios ecoa muito do seu passado histórico e povoa o imaginário coletivo evocando para si as memórias do lugar. A chamada Princesa do Sertão³ recebe este nome em virtude de suas características socio-político-econômicas que moldaram os territórios alagoanos.

Ainda mais, “além de ser conhecida como ‘Terra do Amor’, também é conhecida por outros [nomes] como ‘A Princesa do Sertão’, visto ser localizada no agreste e apresentar forte ligação sócio-econômica com o sertão” (Silva, 2017, p. 27, grifo do autor). A partir daí, a cidade torna-se singular e referenciada.

⁴ Luiz de Barros Torres (1926-1992) foi um importante memorialista da cidade de Palmeira dos Índios. Autor de obras como: *Procissão dos Miseráveis* (romance), *Os índios Xucuru e Kariri em Palmeira dos Índios* (Ensaio), *A Terra de Tilixi e Txiliá – Palmira dos Índios dos séculos XVIII e XIX*, dentre outras.

Assim como essa, outras nomeações do lugar, com o passar do tempo, evidenciaram a imagem de uma cidade construída sob o teor de narrativas memoráveis e simbólicas, próprias de uma identidade multifacetada, como é o caso da sua lenda de fundação, narrada pelo memorialista Luiz B. Torres⁴ que rememora a epopeia histórica do caso de amor dos indígenas Tilixi e Txiliá. A toponímia urbana da cidade de Palmeira dos Índios, formada por topônimos de natureza diversas, revela muitos significados, além de evidenciar traços das construções físicas e/ou simbólicas que guardam a cultura dos povos originários, afrodescendentes, quilombolas, dentre outros que habitaram seu território. A exemplo de seus lugares renomados, que remetem às lembranças passadas de Palmeira dos Índios, destacam-se

lugares de memória como o Museu Xucurus, a Igreja Nossa Senhora do Amparo (Catedral), a Praça do Monumento à Liberdade, o Povoado Tabacaria, a Praça Moreno Brandão, Casa Museu Graciliano Ramos dentre outros.

Para além dessa observação, a cidade também foi contada na literatura em verso e prosa,

Palmeira dos Índios transmite a imagem de ser uma cidade portadora de uma rica cultura e de uma história singular. Seus anos de 'glória' comercial, quando a produção de algodão a tornou um dos centros comerciais mais importantes do estado, lhe legaram o título de "Princesa do Sertão" (Soares, 2016, p. 32, grifos do autor).

No imaginário coletivo, a vida do lugar sempre esteve ligada à cultura, à história de seu povo e à sua formação territorial. Em razão disso, imagens se formam a partir das narrativas orais passadas de geração para geração, assim como por meio de várias descrições históricas de memorialistas/historiadores, conforme nos revela o autor supracitado:

Além da explicação histórica tradicional, que descreve a gênese de Palmeira dos Índios no aldeamento Xucuru-Kariri na segunda metade do século XVIII, o município também tem seu nascimento explicado por uma lenda concebida por Luís B. Torres, a lenda de Tilixi e Txiliá foi publicada em 1973, no livro *A terra de Tilixi e Txiliá: Palmeira dos Índios séculos XVIII e XIX* (Soares, 2016).

No tocante à história, o território palmeirense constituía-se, inicialmente, por um aldeamento de indígenas Xucuru-Kariri estabelecidos em meados do século XVII nessas terras, o nome da cidade surgiu em consequência da chegada de seus primeiros habitantes e pela abundância de palmeiras que existiam em seus campos à época (IBGE, 2023). A cidade⁵, que fora se desenvolvendo nas terras ocupadas pelos povos originários, com o passar dos anos e muitas trocas e agrupamentos de terras depois, notabilizou-se pela presença de Frei Domingos ao aldeamento dos Xucuru-Kariri, a contar de 1770, tal qual apontam os registros do memorialista Luiz B. Torres (1993). O memorialista narra que isso deu ao lugar a dinamicidade que faltava para que o processo de expansão do Cristianismo acontecesse

⁵ Fundada por frei Domingos de São José em 27 de julho de 1773, passando a elevação de Distrito no dia 15 de outubro de 1827 por meio de decreto imperial, nele estabelecendo povoações que tinham capela ou eram sediadas por paróquias.

rapidamente, e que depois que Frei Domingos conseguiu a adesão à causa dos povos que moravam no lugar, o frei mandou erguer uma cruz no alto da serra da Palmeira, local que seria reconhecido muito tempo depois pelo nome de Igreja Velha.

⁶ Palmeira dos Índios foi elevada à categoria de cidade pela Lei nº 1113, de 20 de agosto de 1889 (Palmeira dos Índios, 2025).

Historicamente, a cidade⁶ que começava a tomar forma, dado progresso urbano, foi deixando os traços de sua colonização no passado e expandindo as atividades comerciais através do surgimento do quadro da feira - quadro que se transformou em uma das principais praças da cidade - a Praça da Independência.

Ao trazer à tona particularidades da cidade,

[...] se reconhece que as cidades do presente, são extremamente distintas das cidades do passado, no entanto, em sua constituição guardam características históricas que demarcam relações sociais e espaciais e indicam sua evolução ao longo de cada tempo (Ferreira, 2023, p. 308).

⁷ Devido ao crescimento da Vila, o frei, metaforicamente, denominou aquela área de Vale da Promissão, por acreditar em uma promessa de desenvolvimento rápido.

Peixoto (2019, p. 74) enfatiza que “o surgimento da feira, a criação de uma área livre e a construção de casas após esse espaço⁷ se configura com a ideia de urbanidade e de crescimento que o frei defendia”. Somada a esta descrição, o nome do lugar reflete valores e significados que ainda estão no cotidiano do território a espelhar essas memórias passadas. Faz-se necessário complementar o entendimento com a noção defendida por Ferreira (2023), que detalha um estudo sobre concepções e a cidade na história da humanidade, ele afirma que “a cidade também pode ser compreendida como território, em uma escala mais ampla e abrangente, a partir da integração/disputa no e pelo domínio de determinado território” (Ferreira, 2023, p. 305). Além disso, o autor define que cidade é

[...] uma produção histórica e cultural da humanidade, tem um longo processo de constituição, e, neste decurso assumiu distintas formas e funções, no entanto, como produção humana a cidade é uma obra que resulta de muitas transformações, de muitos conflitos e o resultado deste processo é a produção do espaço urbano como resultante da vida e dos conflitos que abriga (Ferreira, 2023, p. 305).

Nesse sentido, a cidade é o espaço onde a vida urbana acontece, pois nele se organizam as suas estruturas sociais e se formam territorialidades. Corroborando essa visão do autor, destaca-se que o território (cidade),

[...] é o espaço construído/construtor de relações de poder, tanto no sentido mais estritamente social (político-econômico e simbólico-afetivo) quanto no sentido da interação indissociável com as chamadas forças da natureza (Haesbaert, 2023, p. 6).

⁸ Dados oficiais obtidos na Secretaria Municipal de Serviços públicos e Convívio Urbano (2024) apontam 21 bairros oficiais: Bairro Eucalipto, Bairro Graciliano Ramos, Bairro Salgada, Vila João XVIII, Bairro Vila Nova, Bairro Alto do Cruzeiro, Bairro Centro, Bairro Goiti, Bairro Jardim Brasil, Bairro José Maia Costa, Bairro Juca Sampaio, Bairro Palmeira de Fora, Bairro Paraíso, Bairro Ribeira, Bairro São Cristóvão, Bairro São Francisco, Bairro São Luiz, Bairro Sonho Verde, Bairro Tenório Cavalcante, Bairro Vila Maria e Bairro Xucurus.

Assim sendo, é no território onde o modo de vida da sociedade e as relações entre os sujeitos se intensificam. Somam-se a isso as significações que os nomes dos primeiros lugares da cidade possuíam, particularidades que até os dias de hoje permanecem a refletir-se na identidade local.

Palmeira dos Índios possui área urbana constituída de bairros⁸, ruas, avenidas, travessas e praças que evidenciam aspectos muito além da sua atualidade, constitui-se de nomes que trazem marcas de seu passado histórico, com nomeações que representam, portanto, uma relação intrínseca com o sujeito-nomeador e/ou grupos sistêmicos representados por quem nomeia.

Ademais, acrescenta-se que as praças da cidade de Palmeira dos Índios são espaços de uso da comunidade, que se utilizam delas nas funções de espaço de lazer, comércio, práticas culturais, religiosas, dentre outras. Por esta razão, os nomes desses lugares são tão relevantes, pois são atravessados por múltiplas significações, que dependem sempre do contexto em que os nomes foram produzidos.

TOPONÍMIA E MEMÓRIA

O território palmeirense, sua geografia, seu espaço urbano exprime aspectos de sua identidade e de sua cultura. A organização dos espaços urbanos e a participação dos indivíduos na sociedade no passado ou no presente, fizeram de Palmeira dos Índios um lugar repleto de recordações e

de vivências. Um lugar onde, mesmo em meio à modernidade, os ecos das lembranças pretéritas e de sua história vão fluindo, de modo simbólico ou material, revelando os significados que constroem ou reconstroem o lugar.

Ao tratar dos topônimos da cidade, “entende-se por topônimo o nome atribuído a um determinado local, seja uma rua, bairro, cidade, praça, curso d’água, acidente geográfico” (Faggion; Misturini, 2014, p. 142) acrescenta-se, ainda, que são signos linguísticos (motivados), pois são carregados de valores sociais e/ou ideológicos que atuam nas relações entre os indivíduos, marcando disputas de poder. Tais disputas ficam evidentes, por exemplo, quando se observam mudanças nos nomes dos espaços públicos. Soma-se a isso, também, o contexto em que esses nomes surgem e se tornam importantes, uma vez que todo discurso é atravessado por ideologias, isto quer dizer que há sempre um conjunto de situações que o moldam.

Nessa direção, Melo (2026, p. 11) afirma que “os signos toponímicos são receptores e refletores de memórias, tornam-se signos ideológicos por excelência”. Isto equivale dizer que o signo é social, histórico e ideológico, visto que operam as mais diversas esferas da vida humana. Assim sendo, os nomes de lugares

[...] particularizam espaços em um dado território real e/ou simbólico, no sentido de representações da realidade, afinados, de forma direta ou indireta, com as dinâmicas territoriais e as intervenções humanas produzidas no decorrer de um dado momento histórico, suscetível às influências dos fatos que aconteceram nesse período (Melo, 2026, p.11).

Em diálogo com Bakhtin (2006), todo signo é social, pois seus sentidos nascem na interação social, em que a palavra é um signo ideológico, campo de disputa ideológica. Em conformidade com Isquierdo (2020, p. 8) “os nomes de lugares circunscritos a um espaço geográfico fornecem elementos que podem se configurar como pistas para a interpretação da história do homem e a sua relação com o espaço”. Tal argumento da autora destaca o papel social destes signos.

Nesse contexto, Faggion e Misturini (2014, p. 16) complementa essa afirmação que “o topônimo, portanto, tem uma intrínseca relação com a memória de um povo, mesmo quando o povo esquece a motivação

toponímica, que se tornou opaca através dos tempos, pois uma cultura e/ou uma língua não existem mais”. À luz disso, os nomes de praças estabelecem uma ligação com esses espaços de uso público e com a identidade, a história e os registros simbólicos.

Relativamente à memória, Nora (1993) conceitua que os lugares de memória aparecem quando a lembrança não é mais espontânea, mas passam a ser preservadas artificialmente. Este pensamento interpretado se traduz em uma memória que tanto pode ser simbólica, quanto material, funcional. Assim sendo, lugares que evocam Palmeira dos Índios seriam aqueles que trazem vestígios de um elo eterno entre passado e presente, que surge, então, quando há necessidade de resguardar o que não é mais espontâneo, de ligar passado e presente, manter vivos sentimentos, presenças, lembranças que já não mais existem. Traz-se à luz no trabalho⁹ que

[...] a *memória* é um fenômeno sempre presente, um vínculo vivido no presente eterno; *história*, uma representação do passado. Por ser afetivo e mágico, a memória só se ajusta a detalhes que a reafirmam; é nutrido por memórias borradas, fragmentadas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas; É sensível a todas as transferências, telas, censura ou projeções. A *história*, sendo uma operação intelectual e secularizante, exige análise e discurso crítico. A memória instala a memória no sagrado, a história a deixa descoberta, sempre prosificando. A memória surge de um grupo que ela funde, o que significa, como disse Halbwachs, que existem tantas memórias quanto grupos, que ela é por natureza múltipla e multiplicada, coletiva, plural e individualizada (Nora, 1993, p. 21, grifo nosso).

Sob esse enfoque, o autor não somente conceitua, mas diferencia memória e o que é história, deixando claro que ao falar dos fatos passados, os sujeitos a tomam como evocação, reconstrução, expressão do que aconteceu. Outra perspectiva de Nora (1993) é o papel da história para a compreensão desse tema, pois os lugares de memória, conforme argumentado pelo autor, também são lugares de história. Assim, depreende-se que os lugares a que o autor chama por lugares de memória seriam os lugares físicos ou simbólicos, institucionais, como museus, monumentos, datas comemorativas entre outros, onde a memória é projetada, não mais sendo natural.

⁹Tradução nossa. Cf. Entre memória e história: a problemática dos lugares.

Na visão Candau (2012, p. 156, grifo do autor), “a memória e a identidade se concentram em lugares, e em ‘lugares privilegiados’, quase sempre com um nome, e que se constituem de referências perenes percebidas como um desafio ao tempo”. Concorde-se com o autor nesse sentido dada a importância dos nomes e do entendimento do que falam os autores. Nora (1993 *apud* Candau, 2012, p. 156) esclarece que “a razão fundamental de deter o tempo, bloquear o trabalho de esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte é a memória”. A partir dessa lógica, quando um arquivo mental vai se apagando, os lugares de memória se criam para que as lembranças dos fatos e as vivências possam aparecer e, dessa maneira, não sendo mais vividas possam ser preservadas de forma artificial.

Já sob a ótica de Halbwachs (1990) memória é social, ou seja, coletiva. Para ele, o indivíduo lembra porque está inserido num grupo, dessa maneira, não há lembrança sem contexto, isto é, uma lembrança surge do convívio com outros membros de uma mesma comunidade. Diferentemente do que argumentava Nora, para Halbwachs (1990) a memória é um fenômeno social, destarte, é influenciada por outras áreas.

Jacob (2011)¹⁰ defende que para estarmos diante de efetivos lugares de memória, precisamos ter em mente vontade de memória, tal qual afirmava Nora. Isto quer dizer que ela surge do desejo de preservar o passado e de comemorá-lo, uma vez que a memória e o tempo de um lugar desaparecem e, assim, a história precisa ser reconstituída.

Ainda acerca da memória de um lugar, Candau (2012, p. 157, grifo do autor) afirma que “contrariamente aos não lugares, balizados, funcionais e atemporais, os lugares ‘atravessam a memória viva’. São duráveis e carregados de história e memória”. Concorde-se com o autor, porquanto os nomes das praças de Palmeira dos Índios, além de sua relevância social e histórica, estabelecem um elo entre o passado de seu povo e o presente, criando uma identidade multifacetada bem característica de seu território. Nessa direção, percebe-se a evidente correlação entre aspectos de memória e topônimos, uma vez que podem ser interpretados, como já demonstrado, enquanto

¹⁰ Jacob (2011) no trabalho “A Toponímia de Luanda: Das memórias coloniais às pós-coloniais” defendeu a toponímia da cidade de Luanda enquanto lugar de memória, lugar de memória “construído” por uma população de africanos e europeus e que atravessa séculos e contextos históricos, desde a sua fundação, a partir do século XVI. Expressão utilizada por Pierre Nora (1993).

lugares onde memórias se armazenam e se cristalizam. Os topônimos se constituem como

[...] verdadeiros ‘testemunhos históricos’ de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população, encerram em si, um valor que transcende ao próprio ato da nomeação: se a Toponímia situa-se [sic] como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal (Dick, 1980, p. 8, grifo da autora).

Tal pressuposto, desvela que o topônimo é um registro significativo das situações que foram vivenciadas pela sociedade no passado, desse modo,

[...] o sujeito-nomeador procura impor na atividade linguística uma demarcação de domínio, de posse, de identidade consubstanciada no signo toponímico a ser interpretado e compartilhado pela/na comunidade (Melo, 2017, p. 18).

Dessa forma, compreende-se que esse sujeito não é a pessoa física (indivíduo), mas uma representação de um grupo social de poder, que se utiliza de discursos (hegemônicos) para efetivar uma apropriação/dominação de um espaço. Nesse sentido, Bakhtin (2006) defende que os signos são campos de disputa ideológica. Dado o exposto, as concepções abordadas no trabalho participam da elaboração dos sentidos históricos que os topônimos espelham. Por esta razão, entende-se que as praças são lugares de vivências muito representativos e que seus nomes são territórios simbólicos que servem à apropriação dos espaços e à cristalização das memórias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como já dito neste artigo, o *corpus* de análise desta pesquisa foi constituído por três axiotopônimos, isto é, topônimos referentes a títulos e dignidades atribuídos aos nomes próprios oficiais de praças da cidade de Palmeira dos Índios, Alagoas. A presente seção destacando informações

enciclopédicas dos nomes das praças, em seguida, a análise dos nomes: (1) Praça Padre Cícero, (2) Praça Monsenhor Macedo e (3) Praça Dr. Valdomiro Mota. Assim sendo, inicia-se a análise qualitativa trazendo breves informações localizadas mediante consulta em documentos, arquivos, leis, sites e/ou bibliografias relacionadas às temáticas.

PRAÇA DR. VALDOMIRO MOTA

Este nome faz referência ao Doutor Valdomiro Mota. A praça está localizada no bairro São Cristóvão. Nome híbrido, Praça Dr. (abreviatura de Doutor), significa “do lat. *Doctoris*, mestre, professor, preceptor” (Cunha, 1996, p. 277). José, significa do hebreu Josseph, Jehussef: Ele (Deus) de aumento, ou (Deus) aumente (com outro filho) e, Valdomiro, o mesmo que Valdemiro, do russo Wladimir: soberano (wladi) da paz (miru) e Mota, sobrenome port., significa: o conjunto de muros, torres, fossas ou cavas que defendiam ou aformoseavam uma casa de campo (Guérios, 1994). Destacamos a seguir uma imagem que corresponde à Praça Dr. Valdomiro Mota. Conforme figura 1:

Figura 1: Praça Dr. José Valdomiro Mota



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

José Valdomiro Mota foi casado com Rosa Maria Farias Mota, residente em Palmeira dos Índios, faleceu em 30 de julho de 2015. Valdomiro Mota, palmeirense, filho do casal Luiz Mota dos Santos e Nazialina Mota dos Santos, pai de 7 filhos. Estudou no Colégio XV de Novembro da cidade de Garanhuns (PE), iniciou e concluiu seu curso superior na segunda turma da antiga Faculdade de Medicina de Alagoas, em Maceió (Assembleia Legislativa Alagoas, 2015). Constata-se ainda que Mota trabalhou por anos como médico anestesista do Hospital Santa Rita e Maternidade Santa Olímpia, também foi um político no cenário Palmeirense ocupando o cargo de vereador no ano de 1963 (Assembleia Legislativa de Alagoas, 2015). Observou-se na análise que o nome acompanhado do título “doutor” permanece marcando a posição social à figura da pessoa homenageada e estabelece uma ligação com a memória afetiva da comunidade e, sobretudo, desvela o reconhecimento por parte do sujeito-nomeador, do papel que este homenageado teve ao longo dos anos na prestação de serviço médico hospitalar à população. Isto posto, simboliza, ainda, a materialização da

memória de nomes do quadro político da cidade, instrumento de perpetuação ideológica na escolha de nomes para os espaços públicos.

PRAÇA PADRE CÍCERO

Este nome faz referência ao título de padre católico brasileiro: Cícero Romão Batista. A praça está localizada no bairro da Cafurna. Nome composto, Padre: lat. *Pater*, Pai (Cunha, 1996) e Cícero, do lat. *Cícero*, ervilheiro, plantador de ervilhas, de chicharo (Guérios, 1994). Padre Cicero Romão Batista, conhecido popularmente por “Padre Cícero”, foi um líder da Igreja Católica do sertão Nordestino, considerado um dos maiores santos da devoção popular do Brasil. Conforme figura 2:

Figura 2: Praça Padre Cícero



Fonte: Google Maps, 2011. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/>. Acesso em: 11 fev. 2026.

A imagem de Padre Cícero é um símbolo cultural, sua imagem está presente na praça em forma de estátua. Ela recorda vida e obra do padre, sua luta política, social e religiosa, além das contradições acerca de um sincretismo que se mescla de elementos de fé. No que concerne esta primeira análise, a figura da imagem de Padre Cícero como um santo de devoção popular, constitui-se como um dos aspectos mais relevantes da nomeação deste espaço público. A sua imagem fixada no meio da praça retrata a dimensão simbólico-religiosa que envolve seu nome e a devoção da comunidade local.

Embora não se reconheça pelo hagiológico romano da Igreja Católica, Padre Cícero Romão Batista é venerado pelo povo. Seu nome, então, é considerado “santo da tradição católica” pois a difusão do nome junto às massas devotas prestigia-o em atos simbólicos das práticas da fé católica e de outras crenças religiosas, sendo amplamente repercutido e evocado pelo imaginário popular.

PRAÇA MONSENHOR MACEDO

¹¹ É autor de seu único livro: *Meu Exame de Consciência - Biografia - Serviços Gráficos de Alagoas*. Sergasa: Maceió - AL, 2. ed. 1962. Escreveu, ainda, artigos no jornal *O Índio* - 1923. (Santos, 2012).

Este nome faz referência a Francisco Xavier de Macêdo¹¹. A praça está localizada no Bairro do Centro. Nome composto, Monsenhor, s. masc., significa: “título honorífico, concedido pelo papa a alguns eclesiásticos, especialmente a seus camareiros” 1813. Adaptado do it. Monsignore, Macêdo, sobrenome port., derivado do lat. *Matianetu* lugar onde há macieiras ou maçãs (Guérios, 1994).

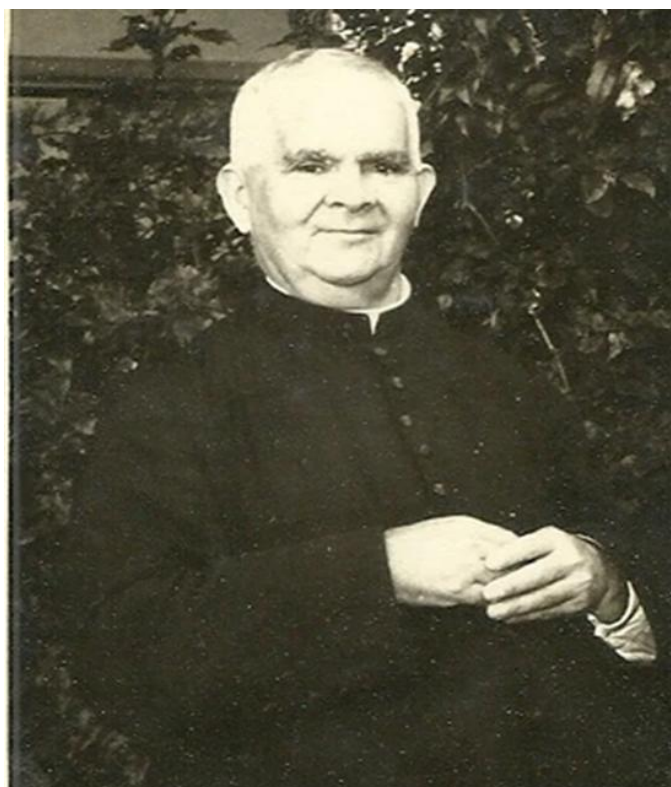
Monsenhor Macedo nasceu no dia 03 de dezembro de 1881 em Limoeiro de Anadia, Alagoas, é filho de João F. de Macedo e Rita B. de Macedo, tornou-se pároco em Palmeira dos Índios em 12 de março de 1963 (Santos, 2012). Foi, assim, um líder da igreja católica que esteve à frente da construção de diversas obras paroquiais da cidade. Entre tantas evidências

da participação de Monsenhor Macêdo no desenvolvimento da cidade, o fato de ele ter sido uma liderança religiosa atuante é uma delas.

Seu nome foi, no seu tempo, parte do quadro das discussões políticas e religiosas que favoreciam o surgimento e expansão das igrejas católicas e da fé cristã difundida por ele, pois estava ligado e envolvido nas decisões importantes da sociedade.

Destacamos a seguir a imagem que corresponde ao Padre Monsenhor Macêdo. Conforme figura 3:

Figura 3: Padre Monsenhor Macedo



Fonte: Wikipalmeira, s. d. Disponível em:
https://palmeira.fandom.com/pt/wiki/Francisco_Xavier_de_Macedo. Acesso em: 10 jan.
2026.

Os dados da análise evidenciaram que seu nome influenciou e marcou as gerações palmeirenses, além disso, o nome de Monsenhor Macedo estabelece um elo entre as recordações do legado de construção da crença cristã católica no território, destacando o forte que a igreja desempenhou

para o progresso da cidade. Portanto, os nomes dos espaços públicos, aqui analisados, estão ligados às questões simbólico-culturais, que continuam a retratar o *modus vivendi* humano, por isso estes nomes transparecem suas vivências, os acontecimentos no território, a relação do sujeito-nomeador com o lugar nomeado.

Destaca-se que em relação às evocações, tais nomes evocam lembranças e histórias pretéritas relacionadas à memória oficial, sendo uma forma de preservar o que a recordação espontânea não foi capaz. Os nomes de praças formados por títulos e dignidades podem funcionar, ainda, como as testemunhas das reminiscências materializadas nos nomes que fazem as homenagens e, que tais nomes ecoam por toda a comunidade. Esses axiotopônimos, como reminiscências do passado reforçam a existência de discursos político-ideológicos para homenagear figuras públicas de participação política na sociedade.

Assim, no âmbito desta análise, sinaliza-se que a toponímia urbana da cidade enaltece figuras públicas ligadas à:

A) religiosidade: Praça Padre Cícero e Praça Monsenhor Macedo. Esses lugares evidenciam por meio de seus nomes o discurso de poder e de influência que a Igreja Católica Apostólica Romana exerce na sociedade, sendo ainda parte da escolha do sujeito-nomeador batizar os lugares. Nesse sentido, percebe-se que cada nome traz à tona as um tempo no qual a igreja e seus membros prestigiados estiveram atuando e que contribuíram para que ela permanecesse com um poderio religioso atuante na vida em sociedade.

B) prestígio social relacionado às profissões elitizadas: Praça Dr. Valdomiro Mota. Nesse sentido, esses axiotopônimos enquanto lugares de memória evocam à recordação de quem são os homenageados e o papel que desempenharam na sociedade. Ao analisar esses nomes evidencia-se que a posição social e as questões políticas exercem muita influência na escolha do sujeito-nomeador. Esses signos materializam discursos de poder, tanto levando em consideração o nome como forma de apropriação de um espaço, quanto o posicionamento político-ideológico.

Notou-se que os dois nomes oficiais: Praça Monsenhor Macedo e Praça Dr. Valdomiro Mota prestigiou a memória local, mas que existe uma inviabilização no registro de informação biográfica de quem foi a homenageada Tabela Margarida Leite, evidenciando, desta maneira, uma lacuna toponímica a ser preenchida em pesquisas futuras. Nesse sentido, reflete-se acerca das questões de pertença de seus membros, que para os grupos vinculados a determinadas localidades nomeadas, certos nomes causam estranhamento ou distanciamento dos membros de uma comunidade, porque neles não se veem representados.

Dada a análise qualitativa, percebe-se que os axiotopônimos de praças da cidade de Palmeira dos Índios possuem significados que são, muitas das vezes, simbólicos, mas isto quer dizer que nem sempre representam as vivências, os afetos, a identidade da comunidade local. Logo, o ato de nomeação no qual se escolhe homenagear figuras públicas reflete os posicionamentos político-ideológicos do sujeito-nomeador, sobretudo, como uma prática frequente e oficial na sociedade.

CONCLUSÃO

Ao analisar os nomes oficiais de três praças da cidade de Palmeira dos Índios, Alagoas, evidenciou-se que a memória oficial é uma lembrança cristalizada que tenta resguardar as diversas ocorrências de seu passado, dessa maneira, os seus lugares de registros simbólicos trazem consigo os traços de sua cultura e identidade, ainda que, considerando apenas a intenção do sujeito-nomeador na nomeação de um nome de lugar.

Desta feita, cada nome de praça palmeirense traz evocações de seu passado construídas pelos sujeitos que as conservaram, sendo o testemunho individual parte da memória coletiva, na qual o indivíduo, introduzido em um grupo social, compartilha das suas experiências, vivências, saberes que contribuem para a formação identitária do lugar.

De acordo com a análise do *corpus* desta pesquisa, constatou-se que os três axiotopônimos atribuídos às praças públicas palmeirenses são formas de discursos em tom político que correspondem à homenagens de figuras públicas da sociedade palmeirense. Afirma-se, nesse sentido, que os topônimos deixam transparecer além de escolhas enviesadas, outros discursos que são ainda dominantes na sociedade como os discursos político-ideológicos e os discursos religiosos, mas que tais aspectos revelados cooperam para tornar o topônimo um instrumento que materializam histórias e memórias de um lugar.

As escolhas toponímicas do sujeito-nomeador privilegiam a camada social de maior dominância e prestígio, isso sugere o silenciamento de outros nomes e/ou figuras populares com os quais os grupos ou comunidades se identificam. Melo (2026) explica que isso sugere também que os representantes das classes sociais privilegiadas que protagonizaram/protagonizam a luta pelo poder, em Alagoas, não se descuidaram/descuidam da importância que a perpetuação ou o esquecimento possuem como elemento de disputa.

Em observância as inter-relações toponomásticas existentes entre a cultura, o território e a memória, estes signos toponímicos transparecem as diversas singularidades existentes na relação nome-lugar. Reafirma-se que os topônimos são signos linguísticos com função toponímica que representam o real e/ou o simbólico, ou seja, são a materialização linguística do espaço nomeado. Assim reforça Melo (2024, p. 53) que os topônimos “[...] traduzem uma intencionalidade do sujeito-nomeador de expressar domínio do território, de referência identitária, de conhecimento e até de manifestação de poder”.

Com efeito, pode-se concluir que a nomeação de praças públicas da cidade de Palmeira dos Índios, Alagoas, é um ato que resguarda evocações históricas da cidade e que os nomes de praças são, simbolicamente, lugares onde as memórias se cristalizaram e que por meio de uma memória oficial, os significados deixam transparecer a intenção do sujeito-nomeador e quais discursos estão subjacentes nesses cinco nomes de praças.

Constata-se nesses nomes: a) discursos religiosos – Os nomes escolhidos que são influenciados pela religião católica, como força influente na sociedade, exercem domínio em detrimento de nomes de outras religiões. b) discursos políticos – Os nomes que são influenciados no campo da política da cidade representam as hierarquias e estruturas da sociedade mais valorizadas. c) discursos de prestígio social – Os nomes que transparecem marcas de poder, *status* social ou relevância na sociedade, como um todo estão em oposição a nomes que compõem mais o seu território local e que funcionam como um critério simbólico de seleção.

Por fim, ao trazer os resultados de um recorte temático de pesquisa no âmbito de mestrado acadêmico, esse trabalho revelou que os nomes de lugares funcionam como instrumentos que materializam testemunhos, estabelecem vínculos afetivos e podem perpetuar ideologias.

Além disso, esta pesquisa contribui para o fortalecimento da relevância histórica, simbólica e cultural dos nomes de lugares da cidade de Palmeira dos Índios, sobretudo para a área de estudos da Onomástica, Toponímia, cultura e do território alagoano. Com efeito, espera-se que este estudo contribua também para o surgimento de novos olhares voltados para o preenchimento das lacunas de trabalhos toponímicos, especialmente acerca dos nomes dos lugares da esfera urbana dessa cidade de Alagoas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, L. **Praça Juvenil Correia de Oliveira**. Palmeira dos Índios: Prefeitura Municipal de Palmeira dos Índios, 27 jan. 2021. Disponível em: <https://palmeiradosindios.al.gov.br/prefeitura-de-palmeira-inaugura-praca-juvenil-correia-de-oliveira/>. Acesso em: 01 set. 2025.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE ALAGOAS. **Moção de Pesar pelo falecimento do médico Valdomiro Mota**. Maceió: Assembleia Legislativa de Alagoas, 18 ago. 2015. Disponível em: <https://www.al.al.leg.br/comunicacao/noticias/assembleia-aprova-mocao-de-pesar-pelo-falecimento-do-medico-valdomiro-mota>. Acesso em: 29 ago. 2025.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

DICK, M. V. de P. do A. **A motivação toponímica princípios teóricos e modelos taxionômicos**. Tese (Doutorado/Departamento de Linguística e Línguas Orientais) – Área de Línguas Indígenas do Brasil – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1980.

DICK, M. V. de P. do A. **Motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/611087168/A-Motivacao-Toponimica-e-a-Realidade-Brasileira-Maria-Vicentina-de-p-Do-Amaral-Dick>. Acesso em: 29 jul. 2025.

FAGGION, C. M.; MISTURINI, B. Toponímia e memória: nomes e lembranças na cidade. **Linha D'Água**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 141-157, dez. 2014.

FERREIRA, A. V. A cidade na história: concepções de cidade e uma breve leitura da produção de espacialidades urbanas. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 10, n. 22, 2023.

GUÉRIOS, R. F. M. **Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes: tudo o que você gostaria de saber e não lhe contaram**. 4. ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 1994.

GOOGLE MAPS. **Praça Padre Cícero**. Palmeira dos Índios, Alagoas. 2011. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/>. Acesso em: 11 fev. 2026.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo, SP: Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

HAESBAERT, R. Conceitos fundamentais da geografia: Território. **Revista GEOgraphia**, Niterói, Universidade Federal Fluminense, v. 25, n. 55, 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). 2022. **População: Palmeira dos Índios**. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/palmeira-dos-indios/panorama>. Acesso em: 01 set. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE).
Panorama: Palmeira dos Índios. Rio de Janeiro: IBGE. 2023. Disponível em:
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/palmeira-dos-indios/panorama>. Acesso
em: 29 jul. 2025.

JACOB, B. M. O. **A toponímia de Luanda [Em linha]:** das memórias
coloniais às pós-coloniais. Lisboa: [s.n.], 2011, 199 p.

MELO, P. A. G. de M. Léxico toponímico: alguns pontos de intersecções
linguístico-culturais na toponímia municipal alagoana. **Entrepalavras**,
Fortaleza, v. 7, p. 123-140, jan./jun. 2017.

MELO, P. A. G. de. Língua e cultura: marcas linguo-culturais no léxico
toponímico alagoano na produção do território de Igaci, Alagoas, Brasil.
Fólio - revista de letras, v. 15, n. 2, p. 217-240, 2024.

MELO, P. A. G. de. **Dicionário toponímico de Alagoas:** municípios
alagoanos e seus nomes. v. I. São Paulo: Pontes Editores, 2026.

NORA, P. Entre memoria e historia: la problemática de los lugares. In:
NORA, P. **Les lieux de la mémoire**. Madrid: Editorial Akal, 1993. p. 7-28.

PEIXOTO, J. A. L. Praça da independência: memórias visuais de Palmeira
dos Índios. In: PEIXOTO, J. A. L.; RODRIGUES, Y. F. dos S. (org.). **História,
imagem e memória de Palmeira dos Índios no acervo do GPHIAL**.
Maceió, AL: Editora Olyver, 2019. p. 71-99.

SANTOS, P. T dos. **Francisco Xavier de Macedo**. Palmeira dos Índios:
Apalca, 2012. Disponível em: <https://apalca.com.br/patronos/francisco-xavier-de-macedo/>. Acesso em: 29 ago. 2025.

SILVA, J. P. O. **Entre o soar dos sinos e o apito do trem:** modos de pensar o
museu Xucurus de Palmeira dos Índios/AL. Dissertação (Mestrado em
Arquitetura e Urbanismo: Dinâmicas de Espaço Habitado) – Universidade
Federal de Alagoas, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e
Urbanismo, Maceió. 2017. 153 f.

SOARES, B. da S. **Cara de índio:** diferentes visões sobre os Xukuru-Kariri
em Palmeira dos Índios. Monografia (Curso de História) – Universidade
Estadual de Alagoas, Campus III, Palmeira dos Índios. 2016. 59 f.

SUMULAS TCHÊ. **Quem é quem? CSE (AL)**. Palmeira dos Índios, 10 fev.
2021. Disponível em: <https://sumulastche.wordpress.com/category/quem-e-quem/cse-al/>. Acesso em: 26 jun. 2025.

TORRES, L. B. **Os índios Xucuru e Kariri em Palmeira dos Índios**. 3. ed.
Palmeira dos índios: Indusgraf Indiana Ltda, 1993.

WIKIPALMEIRA. Padre Macedo. [s.d]. Disponível em:
https://palmeira.fandom.com/pt/wiki/Francisco_Xavier_de_Macedo. Acesso
em: 10 jan. 2026.

Toponymy and memory: a look at the axiotoponyms attributed to the squares of Palmeira dos Índios, Alagoas

Abstract: This article proposes to discuss memory and toponymy by investigating names of public squares in Palmeiras that allude to the titles of honorees in urban toponymy. The research, with a qualitative approach and a descriptive and interpretative objective, is based on theoretical references such as Dick (1990) and later works, Melo (2024), Faggion and Misturini (2014) and Nora (1993). After the analyses, the results pointed to three axiotoponyms of tendency towards political-ideological perpetuation of the names of figures of local society. In addition, the names of squares show which stories and memories remain crystallized with the marks of the historical-cultural past of Palmeira dos Índios.

Keywords: Tonomatics. Memory. Palmeira dos Índios.

Toponimia y memoria: un vistazo a los axioponímicos atribuidos a los cuadrados de Palmeira dos Índios, Alagoas

Resumen: Este artículo propone debatir la memoria y la toponimia investigando nombres de plazas públicas en Palmeiras que aluden a los títulos de los homenajeados en la toponimia urbana. La investigación, con un enfoque cualitativo y un objetivo descriptivo e interpretativo, se basa en referencias teóricas como Dick (1990) y trabajos posteriores Melo (2024), Faggion y Misturini (2014) y Nora (1993). Tras los análisis, los resultados señalaron tres axiopónimos de tendencia a la perpetuación político-ideológica de los nombres de figuras de la sociedad local. Además, los nombres de las plazas muestran qué historias y recuerdos permanecen cristalizados con las huellas del pasado histórico-cultural de Palmeira dos Índios.

Palabras clave: Tonomática. Memoria. Palmeira dos Índios.